

A PATRIA

ORGÃO DOS INTERESSES DA COLONIA BRASILEIRA NO RIO DA PRATA

SOCIEDADE ANONYMA

REDACTORES: CASSIO A. FARINHA E ALFREDO BASTOS

DIÁRIO DA MANHÃ

CONDIÇÕES
Assinatura mensal nesta cidade..... \$ 1,20
PARA FORA
Trimestre..... 4,50
Semestre..... 8,00
Anno..... 15,00
Número do dia..... 0,10
Através..... 0,20
As assinaturas devem sempre concluir no fim de Março, Junho, Setembro e Dezembro, podendo começar em qualquer dia.
A correspondência deve ser submetida ao Director CASSIO A. FARINHA
Pagamento adiantado

ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DA FLORINDA NUMERO 89
Recobrem-se anualmente as publicações. Os artigos e informações gerais são publicados gratuitamente.
REDACTOR—ANTONIO OLIVEIRA
ASSINATURA E BULLA PARA O BRASIL
Semestre (moeda papel) reia..... 10\$000
Anno..... 35\$000
Pagamento adiantado

A PATRIA

Tem correspondentes em Paris—Londres—Lisboa—Nova-York—Rio de Janeiro—Pernambuco—Bahia—São Paulo—Coritiba—Porto Alegre—Rio Grande—Pelotas—Jaguarão—Santa Victoria—Uruguayana—Alegrete—Salto—Paysandú—Taquarém—S. Eugênio—S. João Baptista do Quarahy—Rivera—S. Borja—S. Gabriel—Villa do Rosario—Buenos Aires—Concordia—Monte-Cazeros—S. Thomé—Paraná (República Argentina)—Valparaiso e Lima.

AGENTS

CAMPANHIA E EXTERIOR

LOCALIDADES	NOME DOS AGENTES
Paris.....	Gallien Prince & Co., Rue Lafayette num. 36.
Lisboa.....	Rio & Ca. Rua do Alegrete num. 20 A.
Nova-York.....	Dumont & Schillito, num. 27 Park Place.
Valparaiso.....	Eug. dos Santos Paiva.
Rio de Janeiro.....	Lombardi & Ca. Rua dos Ourives num. 7.
Pernambuco.....	Belarmino Carnio.
Santa Catharina.....	Hermes Liohars.
S. Paulo.....	Octavio A. de Oliveira.
Porto Alegre.....	Carlos Pinto.
Rio Grande.....	Caetano Armando.
Pelotas.....	Luiz Draper.
Santa Victoria.....	Domingo Edo Amaral.
Jaguarão.....	Marciano, Leitão & C.
Bagé.....	João Peltet.
Alegrete.....	Freitas Valle & Jac-
São Borja.....	José Aquino dos San-
Itaqui.....	Domingos Lacroix.
Quarahy.....	J. E. Pacheco de An-
Uruguayana.....	Joaquim Ribeiro de Fa-
Buenos-Ayres.....	Evartio Teixeira, Rua Rivadavia n. 9.
Concordia.....	José Pedro da Rocha.
Monte-Cazeros.....	José Santos Pereira.
Salto.....	Guimaraes & Eiche-
Idem.....	Antonio Maximo.
Palma Sola.....	David C. de Barros.
Arerunguá.....	Fernando Riet.
Jacuy.....	Salvador Jardim.
Ataray.....	Antonio C. Macdonio.
Paysandú.....	Mariano Comas.
Idem.....	Miguel Riet.
D. Esteban.....	Amílcar José de Souza.
Quarahy.....	Laurindo J. da Silva.
Tres Arvores.....	Raphael Fraga.
Arroio Grande.....	Manuel Pereira Brasil.
Fray-Bentos.....	Luiz Mayer.
São Eugênio.....	José Machado.
Rivera.....	José Luiz Vares.
Tacuarembó.....	D. Gomes de Freitas.
Polanco e R. Negro.....	Bluthner Romero.
Hospital.....	Joaquim Vilaga.
Careguá.....	Agostinho Palma.
Corralles.....	Ismael Soares da Silva.
Cuchilla de Iteado.....	José Julio Barros.
Arroio Malo Clara.....	Francisco Formoso.
Passo del Ramirez.....	João Pereira da Luz.
Capilla del Parruco.....	Carlos Jauje.
Cerro Largo.....	Carlos R. de Oliveira.
Idem.....	Manuel Sobira.
Punta de Olimar.....	Domingo Caballa.
Molles del Pescado.....	João Calabá.
Tornero (Florida).....	Baldino Lima.
Cineola.....	José Maria Lopez.
Cordoba.....	Bernardino Daguerre.
Resorio Oriental.....	Manoel Silva.
Canhada Brava.....	Marquez & Machado.
Artigas.....	Ismael Vellasquez.
Trinca Tree.....	Salvador Oliveira.
Idem.....	Eufonio Buenafina.
Maldonado.....	Silvestre da C. Pereira.
Rocha.....	Manoel J. Quadado.
São Vicente de Casti-	
lha.....	Pedro Amato.
Minas.....	C. Carbonell.
Marmarajá.....	M. Montão Junior.
Chuy (Rocha).....	Leão Ventura.

EPHEMERIDES

TERÇA-FEIRA, 25 DE JULHO

1139, batalha de Orléans e fundação da monarquia portuguesa.—1523, abjurção de Henrique IV, rei de França e de Navarra.—1772, batalha de Aboukir.—1791, execução de André Chénier.

BRASIL

1823, chega do Chile o almirante Cockrane e arrola seu pavilhão a bordo do não «D. Pedro I».—1855, tremor de terra no arraial de S. João Baptista do Morro Grande, em Minas-Geraes.—1876, fallece na capital do Maranhão o poeta e publicista Gentil Homem de Almeida Braga, autor do poema «Clara Verbova», do volume «Entre o céu e a terra» e outras composições de mérito.—1879, fallece no Rio de Janeiro o visconde do Rio Grande, José de Araújo Ribeiro, renator pela província do Rio Grande do Sul.

A PATRIA

MONTEVIDEO, 25 DE JULHO DE 1882

O paiz dos assustados

II

Na impossibilidade de expor todos os nossos conceitos, suggeridos pela correspondência alludida em dois dos anteriores números da *Patria*, continuamos hoje a mesma tarefa.

O correspondente, referindo-se ás ul-

timas questões internacionais em que se viu o Uruguay envolver, com a Italia e a Hespanha, attribue ao Sr. Moreno, ministro argentino junto ao governo do general Santos, poderosa interferencia na solução pacifica d'esses assumptos.

Quaes foram as questões resolvidas? —Duas. Durante o curso dos tramites diplomaticos que se deram, relativamente á missão especial do barão Cova, este agente italiano recusou a mediação argentina. Ninguém provará o contrario; assim como ninguém poderá negar que só ultimamente foi o problema resolvido definitivamente em Roma pelo diplomata oriental.

O Sr. Moreno, enquanto á questão hespanhola, limitou-se a manifestar bons desejos do que se evitasse um rompimento entre a Hespanha e o Uruguay.

Esse procedimento não foi exclusivo do diplomata argentino; todos os outros ministros estrangeiros acreditados junto ao governo oriental portaram-se e houteiram-se do mesmo modo; e, para ser franco, diga-se, sem receio de errar, que o decano do corpo diplomatico, o Sr. Sr. Monson, ministro inglez, tocou com subida vantagem para que a solução fosse a melhor possível.

Poderia o Sr. Moreno, por iniciativa sua e commettimento isolado, chegar ao mesmo resultado, quando não tinha para semelhante fim nem autorização nem intuição do seu governo? Duvidamos.

Qual, pois, o acto do diplomata argentino que mostra a possibilidade de collocar o Brasil em pé de inferioridade junto ao governo d'esta Republica? As suas relações particulares com o chefe do Estado?

Não ha muitos dias, que, em editorial, nos referimos a uma allusão identica, expressa pela *Razon*. Então, fallou-se de enredos urdidos pelo Sr. Moreno, hoje attribue-se-lhe o triumpho da solução pacifica e citam-se dialogos sustentados entre o general Santos e o ministro argentino. E' um processo curioso e que não passa de uma allegoria ás celebres Latomias de Syracusa, que o tyranno Dionisio mandara construir para n'ellas encerrar as suas victimas e ás quaes havia dado tal disposição architectonica, que d'um ponto, construido em forma de *ouvido*, se percebiam todas as conversações, todas as blasphemias, proferidas pelos prisioneiros. Dar-se-ha o caso de que o *palacio* presidencial do Sr. general Santos esteja n'essa condição?

Pelotado que respecta á governação publica, seria crível que os Srs. Dr. Herrera e Terra tomassem reprováveis proposições, sejam elles de quaisquer funcionarios, uma vez que significam um ataque á dignidade do Brasil?

Emquanto ao alludido em que diz o articulista estar a legação brasileira, por proposito do nosso governo, podemos garantir que, em outras épocas, teriam sido tão bem guardados os nossos representantes, melhor do que o Sr. Lamaix duvidamos.

Desde Junho do anno passado, que está nomeado o Sr. conselheiro Leonel de Alencar para occupar o posto deixado pelo Sr. Lopes Netto.

O mesmo decreto, que removeu este diplomata para Washington, promoveu n'aquele para esta capital.

Nem o Sr. Alencar representará o papel de *Juan de Alencar*, nem o Sr. Napoleão Lamaix o tem representado.

CORRESPONDENCIAS

Rio de Janeiro

17 de Julho de 1882.

Sr. Director da *Patria*:

Este ministerio pouco durará. O transacto cahiu justamente no dia que entrou no programma liberal! Quiz estender o censo na lei eleitoral e os liberais em opposição deram-lhe queda. O novo gabinete é de vida curta. A discussão no senado tem levantado celexuma. Parece que o Governo e o Imperador estão de sobrevivida de mil modos.

A *Gazeta da Tarde* é a que melhor aprecia a actualidade politica. O *Jornal* calado e manhoso; o *tribuna* affa e deninho; o *Crucero* conservador e escrivagista em opposição latente; e a *Gazeta de Noticias* manifesta-se rudemente contra a nova organiação, que realmente não corresponde ás intenções ou aspirações do paiz.

Sim, o problema do elemento servil é momentoso e se o governo não iniciar alguma medida, a onda proxima esmagará pela força da opinião todos os partidos.

O Sr. Villegas já esteve com S. M. em conversas particulares. Aquelle foi meigamente recebido e correspondeu com a cortezania que lhe é particular. Villegas declarou que a Republica Argentina aspirava tão somente ao progresso interno, e que era conjuntamente com o Brasil, paizes necessarios ao equilibrio sul-americano, ao que S. M. respondeu com um sorriso muito significativo. A despedida foi muito cordial e ajustada ás formas diplomaticas.

Branco.

ECHOS DO BRASIL

Parlamento Brasileiro

CAMARA DOS SENADORES

Sessão em 14 de Julho de 1882

Discurso do Dr. Acilú

O Sr. Henrique d'Acilú, representante da provincia do Rio Grande do Sul nesta camara, considerou dever rigoroso vir á tribuna, interrompendo o silencio que guardava para melhor aprender praticas e theorias parlamentares de mestres tão abalizados como os que vê aqui.

Os dous nobres senadores, que o precederam, abriram tão largo horizonte a este debate, que nelle comprehendem a defesa nacional, debruço de todos os pontos de vista; e quando se discute a defesa da nossa patria, pensa que trata-se particularmente da provincia do Rio Grande do Sul, que é aquella que tem supportado os maiores onus, sacrificios e vexames, resultantes de todas as guerras estrangeiras que o Imperio tem tido, e de todas as invasões de que tem sido ella victima.

Pensa, pois, que a opinião da provincia que representa, ha de ser sempre ouvida com interesse e attenção dos dignos representantes das mais provincias.

Não supunha fallar agora, pretendia discutir estas questões no organamento do ministério da marinha; ellas, porém, se adiantaram, e o orador as aceita mesmo na presente occasião.

Pensa tambem que esse debate deve ser conservado fora da esphera dos partidos politicos. A patria é uma só, e o interesse de todos os brasileiros é o mesmo na defesa desta patria. Acha, pois, natural que, acompanhando o seu illustre amigo chefe do Sr. conselheiro Silveira Martins, encontre-se o orador no lado do Sr. barão de Cotegipe e do nobre senador pelo Paraná, neste importante assumpto, combatendo, no campo politico, em campo muito differente.

Pensa que esses nobres senadores discutiram esta questão pelo lado mais politico, mais em harmonia com a historia dos acontecimentos que a ella se referem; e pede que lhe seja licito declarar que não partilha a opinião dos que entendem que, na discussão deste assumpto, deve guardar-se grande reserva na tribuna parlamentar.

Acredita que, em um paiz como o nosso, em que o povo é soberano, e a quem todos têm a obrigação de prestar contas, não se lhe deve occultar coisa alguma sobre ponto tão momentoso. Assim ficará elle habilitado para supportar os encargos que lhe podem advir.

Nem sabe de que serviriam reservas: os nossos vizinhos dão-se um cuidado extraordinario em terem conhecimento perfeito do que se passa entre nós: estudam, constantemente e com particular cuidado, a nossa situação. Seus agentes, que officias que extra-officiaes, mandam-lhes as mais minuciosas informações, em que referem, com admiravel actividade, até simples conversas de homens de estado.

O que é de lamentar é que do nossa parte não haja o mesmo empenho: ainda não conhecemos bem os nossos vizinhos.

Como temos sido sempre mais fortes que todos elles juntos, não nos tem causado apprehensão a sua vida, as suas alterações, as suas diminuições, os seus accrescimentos: antes, pelo contrario, sempre que tem pedido o nosso auxilio, o Brasil, com o maior desinteresse, lhes tem prestado os mais relevantes serviços.

O senado sabe que se o Estado Oriental do Uruguay ainda figura no mapa das nações, deve-o principalmente aos grandes esforços e sacrificios do Brasil; e os proprios argentinos, se podem gloriar de essa liberdade e prosperidade de que tanto se ufamam hoje, a que nós tão geralmente applaudimos, não podem deixar de reconhecer que o Brasil nunca se poupou, para esse fim, a esforços, a sacrificios de vidas e de dinheiro para o estabelecimento dessa liberdade.

Eis a razão por que nos temos desculpado com os nossos vizinhos: certos dos grandes serviços que lhes havemos prestado, confiamos que sua lealdade, justiça e amizade, faria com que reconhecessem nossa inebriantavel boa vontade a seu respeito.

A nossa diplomacia no Rio da Prata tem acompanhado o povo brasileiro nessa confiança e desculpo.

Deviamos ter alludido a diplomacia especial. São paiz-s que ainda estão no periodo de organiação; nelles não existe ainda nada de positivo e de fixo a respeito de relações diplomaticas.

Por outro lado sabe-se a posição especial do Estado Oriental do Uruguay, no que se refere ao Brasil. Naquelle paiz existe uma colonia brasileira, numerosissima e muito rica; immensa parte da propriedade territorial allí pertence a brasileiros, uma grande parte da riqueza está tambem em mãos de brasileiros.

A consequencia é que o ministro do Brasil, junto daquelle governo, se quizer emprender alguma cousa do firme e duradouro, não pôde prescindir do grande elemento brasileiro.

Apezar do ter-se achado até hoje em abandono a grande colonia brasileira existente no Estado Oriental, e entregue a seus proprios recursos, apesar de não ter lido um centro, ella é um poderoso elemento de progresso e de ordem para aquella republica.

O nosso ministro em Montevideo devia relacionar-se muito intimamente com essa colonia, e procurar fazer valer tão poderosos elementos em bem da firmeza de nossas relações diplomaticas.

Assim, porém, não se tem praticado; e, se continuarmos em tal caminho, nada faremos d'estavel no Estado Oriental; só edificaremos na areia.

Entretanto, se a diplomacia brasileira, no Rio da Prata, constituisse centro da grande colonia brasileira allí existente, nos as relações se firmariam sobre bases solidas e poderiamos prestar relevantes serviços áquelle paiz sem sacrificios do Imperio.

Aproveita a occasião para protestar contra uma creença arraigada nas nossas regiões officinaes, quanto aos rio-grandenses em relação ao Rio da Prata. Tem-se entendido que elles são inclinados a guerra, não só por indole, como por achar-se-se misturados nas questões da vida interna d'aquelles povos; e por isso são considerados partes interessadas e verdadeiras de suspensos, quando se trata dos interesses do Brasil naquellas regiões. Mas essa mesma commutabilidade é que torna o rio-grandense mais competente nas questões do Prata.

A industria do Rio Grande do Sul consiste no pastoreio e nas industrias que della dependem: ella tem tomado tal desenvolvimento que o territorio rio-grandense proprio para ella, commquanto extenso, já não basta para fornecer a materia prima das principaes industrias da provincia: dois terços dessa materia prima são fornecidos pelos estabelecimentos existentes no Estado Oriental e que são principalmente propriedade de rio-grandenses.

Assim, se houver uma guerra no Estado Oriental, estraga-se valiosissima propriedade do Brasil, e a industria rio-grandense ver-se-ha privada da maior parte da materia prima de que carece para as suas industrias.

Isto mostra, de modo irrecusavel, que os interesses do Estado Oriental são, em tal materia, os interesses do Rio Grande. Como, pois, pretender-se que os rio-grandenses são inclinados a guerra, e desejam perturbar a paz do Estado Oriental, quando elles são os mais interessados na manutenção da paz a todo custo? Tal preconceito deve ser banido completamente.

Entende que a opinião da provincia do Rio Grande do Sul deve ter grande ponderancia em todos os assumptos concernentes ao Rio da Prata: assim, a acção do governo, em taes assumptos, caberia aos que têm mais direito e maior interesse em que elles marchem bem.

Esta é a regra do governo, a mais acertada e a mais liberal.

Isto quanto ao lado economico e da administração.

Pelo lado politico, pelo lado que diz respeito á honra do Brasil, ainda por esse lado a opinião da provincia do Rio Grande devia predominar nas questões desta ordem. Pela sua posição topographica ella tem recebido todos os golpes desfechados contra a integridade do Imperio. Quando os nossos vizinhos se tem levantado contra nós, nenhuma provincia tem sido mais offendida do que a do Rio Grande do Sul.

Assim é que os rio-grandenses ainda lutam com os estrangeiros dixados por todas as suas invasões; e não podem deixar de ouvir, sem grande mágoa, que por isso que o Brasil tem maior população, e as riquezas e mais illustração, não do tratarem de fortificar e de armar a provincia do Rio Grande; porquanto, se nos primeiros golpes a victoria tocar aos nossos contrarios, mais tarde o nosso poder será bastante para esmagar completamente os nossos inimigos.

E' certo que o Brasil tem recursos muito superiores aos de todas aquellas republicas reunidas. Taes recursos, porém, acham-se espalhados de tal modo, tão faltos da organiação, que, quando derem de si tudo quanto podem dar, já a provincia do Rio Grande do Sul estará soffrendo todos os horrores de uma invasão de povos que ainda não estão tão civilizados, que proscavam actos vandalicos.

Bem. Organizam-se os nossos elementos da resistencia e do desforço, o Brasil consegue rechaçar do seu territorio os inimigos; estes sentem o peso da força do Imperio, curvam-se, pedem a paz; mas ali vem logo a grande generosidade do coração brasileiro; e a paz lhes é outorgada sem condições, sem exigencias!

A's pobres victimas do Rio Grande do Sul o de Matto-Grosso diz-se então: se rees indenizados do vossos grandes prejuizos pecuniarios, será reparada a miseria em que cahistes em consequencia da invasão. E qual o resultado?

E' sabida a historia de todas essas invasões. Alludido o Brasil vence, derrota completamente o inimigo; mas as victimas das nossas provincias invadidas ficam gemendo, e nunca chegam a obter absolutamente nada da indenização dos enormes prejuizos que tiveram.

O mais que se faz é cuidar da liquidação de taes prejuizos. Os paizes vencidos prestam-se admiravelmente a esse trabalho; a liquidação faz-se; como elles, porém, nunca têm dinheiro... (pelo menos é essa a allegação que oppõem ao governo do Brasil; porque para o governo da Inglaterra e de outras nações, nunca lhes falta dinheiro, nem mesmo para dar de indemnização 200.000\$ pelo cão de um inglez)... como allegam sempre que não têm dinheiro, limitam-se a dar ás victimas dos prejuizos da guerra uns titulos de divida que valem tanto como isto: a via de uma titular, homem tão rico que, na liquidação dos prejuizos que soffreu com a invasão paraguaya, pôde obter titulos em valor superior a 1.000.000\$, não tem hoje para com o governo, vive em completa miseria: do Paraguay não recebe um vintem, nem de juros, da immensa divida que lá tem.

Entretanto, o Brasil desistiu da occupação do territorio paraguayo, unica garantia que tinha, de que ao menos os juros da divida de tal sorte liquidada seriam pagos; e já lá vão 16 ou 17 annos sem que nem um real nos tenha sido entregues por aquelle governo.

E' por tudo isto que as provincias do Rio Grande do Sul e Matto-Grosso, longe do descrejarem a guerra, mostram-se sumamente apprehensivas sempre que levantam-se questões entre o Brasil e as republicas platinas.

No Rio Grande do Sul, só a noticia de que os negocios com o Rio da Prata se haviam commecado um pouco, bastou para contrahir-se o commercio na campanha, por tal forma que o effeito sentiu-se em todas praças. Ha profundos receios; não se considera estabilidade em cousa alguma. Em taes condições, comprehendendo-se, não é possível que paiz algum possa prosperar na medida de suas forças.

Assim, os rio-grandenses não podem senão o que lhes é devido e se elles não pôde recusar. Não que se estenda pelas fronteiras da provincia um exercito como o allemão, nem que alli se levante uma muralha como a da China; mas que alli se faça o que a sciencia militar moderna ensina como indispensavel para a defesa de um paiz.

A fronteira do Rio-Grande tem seus pontos estrategicos bem indicados: só-jam estes devidamente fortificados.

Olhe-se para aquelles laços com mais alguma attenção. Trata-se de conservar arsenaes de marinha em outras provincias, com grandes onus dos cofres publicos, e pouco proveito do serviço publico. Entretanto nenhum cuidado inspira o nosso estabelecimento navio no Alto Uruguay, que não está nem a quer nas condições de proceder aos concertos dos navios allí estacionados. Porque não havemos de montar, n'aquele estabelecimento, uma officina de torpedos, tão accessaria para garantir a defesa daquelle via fluvial?

Temos illas no Uruguay que devemos considerar o Rheno da America do Sul, e do qual ora disputam a primazia (estes Estados): temos illas nesse rio que ainda ha pouco eram propriedade exclusiva dos brasileiros, povoadas por nossos compatriotas; e que hoje estão occupadas por argentinos e por outros estrangeiros que entre elles se filiam e lá estão nacionalizados.

(Continúa.)

EXTERIOR

Antigo continente

POLITICA GERAL

Pelo paquete inglez «Trent», da linha de Southampton, recebemos noticias de Londres, Paris e Lisboa, que adiantam de dois dias apenas ás ultimas datas recebidas pelo paquete allemão «Montevideo».

A conferencia de Constantinopla era o assumpto que estava na ordem do dia. A Porta parecia ter esperado até o ultimo momento para conseguir impedir a reunião da conferencia e persuadir as potencias de que a missão do baxá Derwich bastava para tudo. A circular em que procurava demonstrar que a conferencia não só era inutil, mas podia trazer perigos, embaraçando o effeito benéfico da missão turca enviada ao Cairo,

era manifestamente calculada para intimidar as potencias e induzi-las a renunciar, quando mais não fosse senão momentaneamente, á conferencia. A ordem enviada pelo sultão a Derwich do decidir Arabi a ir sem demora a Constantinopla, tinha evidentemente por fim provar que o governo turco era omnipotente no Cairo, tanto que o chefe do partido militar via-se forçado a obedecer ás suas ordens, e portanto, que nada havia a fazer de mais acerto, para o restabelecimento da ordem no Egypto, do que deixar intervir a Porta, e a Porta só Arabi, porém, teve por melhor não justificar semelhante argumentação, e, a despeito do cuidado que teve Abdul-Hamid do tranquillizar o acerca das consequencias da viagem que o convidava a fazer a Constantinopla, acompanhando o convite da plena approvação do seu procedimento. Arabi deixou-se estar no Egypto, o que serviu para demonstrar ao governo ottomano o caracter illusorio da autoridade que se attribuia sobre o partido militar egypcio.

Mas, ainda quando a ordem enviada a Derwich tivesse produzido o desejado effeito, não haveria nenhuma garantia séria para a manutenção duravel da tranquillidade no Egypto: seria apenas uma «satis-facção de amor proprio para o sultão, não uma promessa da segurança para os interesses europeus nas margens do Nilo. O restabelecimento da ordem, pela unica acção do commissario extraordinario turco seria em todo caso precario, e dahi a conveniencia de que, o accordo das potencias previne a eventualidade, fosse de finido de modo positivo, pratico e solemne. Seria um freio para os agitadores de Cairo, que não podiam ignorar que não affrontariam impunemente toda a Europa.

O governo ottomano, nos esforços que fizera até a ultima hora para dissuadir as potencias da reunião da conferencia, sem duvida especulou, segundo o invariavel habito da sua diplomacia, com divergencia possível entre os gabinetes. As circumstancias em que se realizara a constituição do novo ministerio egypcio podiam parecer que justificavam seus calculos. Com effeito, julgando pelas apparencias, poder-se-hia crer que o ministerio Hagheb-Arabi devia sua origem a uma especie de antagonismo entre os gabinetes occidentales e os outros governos da Europa, tendo estes favorecido a sua organiação, enquanto que aquellos não queriam reconhecê-lo.

So este facto é que inspirou á Porta a creença em graves dissidencias entre as potencias e que determinou sua litica contra a conferencia, não devia ella tardar muito tempo em reconhecer o seu erro. A constituição do novo gabinete egypcio respondia a necessidades immediatas; era urgente, para prevenir nova catastrophe como a de 11 de Junho em Alexandria, tor termo á anarchia governamental que reinava depois da retirada do Ministerio Mahmoud, em consequencia do ultimatum anglo-francez, o não se podia, na composição do novo ministerio que offerecesse certas garantias para a segurança dos estrangeiros, abstrahir do baxá Arabi, unico no meio daquelle confusão geral em que estava o Egypto, que podia ainda exercer alguma autoridade.

Estas considerações do utilidade immediata e geral é que conduziram á formação do gabinete Hagheb-Arabi; é, pois, claro que depois dos passos dados precedentemente pela França e Inglaterra, sobretudo depois da apresentação do ultimatum pelo qual reclamavam o restabelecimento do Arabi, não podiam ellas ter patrocinado semelhante combinação; é claro, igualmente, que outras potencias, menos comprometidas, tinham tido sobre tal assumpto mais liberdade de acção. Seria, entretanto, grave erro ver em semelhante differença do attitud de umas e outras um indicio de antagonismo entre esta e aquellas. A organiação do ministerio Hagheb-Arabi não passou consequentemente de um expediente destinado a acudir ao mais urgente, e que de nenhum modo prejudicava a solução definitiva da crise. Isto mesmo pondera Gladstone na camara dos commons. Depois de haver declarado que o governo inglez mantinha a posição que anteriormente tomara no Egypto, accrescentou o primeiro ministro: «Mas ao lado da questão da solução futura e da politica geral do Egypto, ha uma outra questão dominante, e a da segurança das pessoas e das propriedades dos europeus. Ora, esta questão não pôde ser tratada sem se ter attenção ás pessoas que actualmente estão no poder.»

Esta distincção com que o chefe do governo britannico justificava indirectamente a accção do novo ministerio egypcio, mostrava claramente que a esperança de rompimento da Intelligencia europaea, que fizera conceber á Porta e aos agitadores egypcios certos incidentes que acompanharam a formação e entrada em exercicio do mesmo ministerio, não tinha fundamento serio; e é facto assim, que a intelligencia das potencias subsiste, tendo encontrado nova consagração no compromisso, tomado por todas, de não procurarem nos acontecimentos do Egypto nenhuma vantagem territorial ou outra qualquer fora do doncorato europeu; e o que é uma preciosa garantia para a paz geral e para a favoravel conclusão aos trabalhos da conferencia.

A terceira conferencia diplomatica realizara-se no 27, em Constantinopla, segundo noticiou um telegramma daquelle capital, publicado nas folhas de Lisboa. Os despachos anglo-francezes

25

[illegible][illegible][illegible]

PATERIA CHRISTOFFLE

[illegible][illegible]

This image is a vertical, high-contrast, black and white scan. It depicts a textured surface, likely the cover or endpaper of an old book. A prominent, dark, irregular vertical band runs down the right side of the frame, contrasting sharply with the lighter, grainy area on the left. The overall appearance is that of a degraded or aged document page.

